

ANALISE COMPARATIVA DO NU FEMININO INDIANISTA COM OUTROS NUS PRODUZIDOS NO MESMO SÉCULO.

MIRELLA MORAES DE BORBA¹; ROBERTO HEIDEN³

¹Universidade Federal de Pelotas - Conservação e Restauo de Bens Culturais Móveis
borbamirella@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - Departamento Museologia e Conservação e Restauo
roberto.heiden@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar pinturas com o tema do nu feminino na arte brasileira do século XIX, buscando compreender quais são as diferenças entre as formas de representação do gênero nu, na arte brasileira do mesmo período.

No século XVIII a monarquia brasileira começa a adotar o índio como símbolo nacional, inspirados pelo movimento romântico, que tinha como característica a fantasia e a imaginação, assim como um exaltado nacionalismo, é nesse cenário que o indianismo é criado, procurando promover a imagem do índio como o bom selvagem. JORGE (2010) fala que:

Em busca de um símbolo que pudesse ser incorporado à nossa literatura como meritório representante dos mais altos ideais, do mais nobre espírito guerreiro, da mais inquebrantável ética e da personificação da moral e da virilidade, os artistas brasileiros o encontraram na figura do índio, o verdadeiro filho da terra - o homem primitivo de Rousseau -; aquele que não fora corrompido pela maligna sociedade e que se guiava apenas pelos seus instintos mais primordiais e pela perfeita comunhão com a natureza. (JORGE, 2010.)

Quando os europeus chegam ao continente americano se deparam com o que mais tarde foi representado como o paraíso perdido, diários e cartas de navegadores se referem à terra como de um clima agradável, de vegetação abundante, feras dóceis e pessoas inocentes, sem Lei, sem Rei e sem Fé, segundo PADILHA (2002-2003).

No imaginário da Conquista do século XVI os europeus associaram o continente americano e o Brasil ao mito do homem primordial. Esse imaginário que espelha forte vínculo entre desconhecido e natureza ressurgue como referência da arte do século XIX, nas representações da nacionalidade dos estados modernos latino-americanos. No Brasil, a construção da identidade nacional prefigura o reencontro com o Éden e projeta imagens românticas e exóticas que com as alegorias articulam idéias de origens mitológicas e símbolos que convertem o índio em ícone da monarquia e do nacionalismo. (PADILHA, 2002-2003)

Ao longo o século XIX a nação brasileira começa a querer independência, logo, a arte tende a se modificar, o barroco que era o estilo vigente da época perde forças, pois é considerado ultrapassado, o romantismo ganha forças nesse âmbito, é nesse contexto que surge o indianismo. Segundo JORGE (2010) o romantismo:

Esse movimento tinha como cerne a valorização do emocional sobre o racional e um renovado interesse em temas medievais e místicos que pudessem incorporar uma boa dose de idealização misturada a um sentimentalismo à *flor da pele*. A natureza voltou a ganhar um espaço que havia perdido com a ascensão do neoclassicismo, e seus fenômenos e efeitos sobre o homem foram buscados com insistência pelos artistas. (JORGE, 2010)

A morte é um dos temas mais recorrentes do indianismo, existe uma grande quantidade de obras em que índio é representado morto, por resultado de sedução amorosa ou de batalhas. Nesse sentido foram escolhidas obras com a temática indianista para esta pesquisa, a fim de comparar com outras obras produzidas no mesmo século.

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho é resultado de uma pesquisa em fase de desenvolvimento, que visa entender as diferenças do nu indianista em relação a outros nus pintados no mesmo século.

A metodologia adotada para a produção desse trabalho é a pesquisa bibliográfica, primeiramente foi pesquisado sobre o indianismo de forma geral, procurando entender como surgiu, sob quais circunstâncias. A partir desse estudo, foram pesquisadas pinturas que retratassem nus indianistas. Foram escolhidas para análise as seguintes pinturas: Moema de Pedro Américo, Moema de Vitor Meirelles, Lindóia e Iracema de José Maria de Medeiros e Marabá de Rodolfo Amoedo. Para melhor compreender as obras já citadas, foi necessário pesquisar cada uma das personagens. O livro “Curso de Literatura Brasileira” de Sergius Gonzaga (2004) contém informações importantes sobre as obras em que as personagens pesquisadas se encontram.

Foram escolhidas duas obras que não pertenciam ao indianismo, para uma análise comparativa, A Bacante de Vitor Meirelles e A Carioca de Pedro Américo, não por acaso as pinturas são de artistas que pintaram obras indianistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema do nu acadêmico chega ao Brasil com o professor e pintor Manoel Dias de Oliveira (SILVA, s/d), que monta um ateliê no Rio de Janeiro, em 1800, e alguns anos mais tarde o tema do nu é aceito como disciplina acadêmica. O nu já era presente em muitas obras na Europa, muitas vezes apresentado sob um véu, mascarando a sexualidade, outras vezes de forma explícita com aspectos de sedução, como é o caso da pintura de Pedro Américo, A Carioca, pintada em 1862-63, premiada com medalha de ouro na 17ª Exposição Geral de Belas Artes. Esta exposição era realizada anualmente no Rio de Janeiro. Pedro Américo ofereceu esta obra para o acervo de Dom Pedro II, contudo a tela foi recusada pelo Mordomo-mor Paulo Barbosa, alegando que a obra era sensual de mais, e não acatava as normas da arte clássica (SILVA, s/d) Pedro Américo pintou também Moema entre os anos de 1878 e 1882. Essa tela mostra o corpo da índia nu, com um arranjo de penas sobre o sexo, o nu presente nessa obra não pretende ser sensual, como A Carioca

A Moema de Vitor Meirelles, pintada em 1866, apresenta o corpo da índia já sem vida, nu e inerte, a cena não parece natural, já que o arranjo de penas parece ter sido colocado cuidadosamente sobre o sexo de Moema. Acrescenta-se que por ser uma índia a nudez é uma condição natural, fazendo com que a tela não seja vista como um nu erótico é uma das primeiras telas a retratar o nu feminino junto com a paisagem, com isso cria-se uma tendência de obras onde aparecem nus dormindo ou sem vida, em paisagens naturais. Moema é a índia rejeitada por Diego em Caramuru.

O Caramuru (1781), de Santa Rita Durão, é considerado o segundo livro brasileiro de temática indianista. Seu protagonista é Diogo, um homem branco, náufrago, que passa a viver com os índios e é disputado por duas virgens nativas, Moema e Paraguassú. Quando Diogo chamado Caramuru pelos silvícolas - embarca num navio e parte de volta

pra a Europa, as duas jovens se jogam ao mar atrás do amado. Contudo, apenas Paraguassú consegue subir ao navio e Moema morre na tentativa.” (JORGE, 2010.)

A *Bacante*, também pintada por Vitor Meirelles, produzida em 1857-58 e mostra uma mulher nua, com as costas deitadas sobre uma pedra, uma das pernas se encontra dobrada enquanto que a outra está reta sobre no chão, a cabeça meio atirada para traz, o rosto tem uma expressão de prazer, que é ainda mais acentuado quando se observa o fauno dando-lhe uvas na boca, a cena toda é muito sensual e erótica, muito diferente da pintura de Moema.

Uma tela que lembra muito a Moema de Vitor Meirelles é *Lindóia* de José Maria de Medeiros, que tem como inspiração o poema de Basílio da Gama, *O Uruguai*, que conta a história da índia que se matou com uma picada de cobra venenosa no seio, para fugir de um casamento indesejado com Baldeta, filho do vilão Balda (Gonzaga Sergius, 2004). A pintura *Lindóia* não é tão romântica quanto Moema de Vitor Meirelles e nem tão bela, porém apresentam a mesma composição geral.

A pintura *Marabá* de Rodolfo de Amoedo, datada de 1886, é uma referencia ao poema *Marabá*, de Gonçalves Dias, onde o autor descreve o sofrimento de uma mestiça, filha de um branco com uma índia, que por ter cabelos loiros e olhos azuis é considerada feia pelos índios da aldeia. Opondo-se a fonte literária Rodolfo Amoedo pinta *Marabá* com cabelos e olhos castanhos o que faz com que a tela receba muitas críticas, porém existe uma teoria de que o nome da tela teria sido dado após a sua concepção e que explicaria as diferenças entre o poema e a tela, outra explicação possível seria que o pintor tivesse representado as “marabás” de forma geral e não a do poema, de acordo com Jorge, (2010).

A pintura mostra a jovem mestiça debruçada no tronco de uma árvore, apoiando a cabeça nos braços, com o olhar ao longe, como se estivesse refletindo a sua solidão, que fica ainda mais evidente quando se percebe a flor vermelha e solitária em frente à mestiça, a tela apresenta também o encontro do nu com a paisagem natural, porém, na pintura de Rodolfo Amoedo, o nu é de uma sensualidade que não se via dentro das convenções acadêmicas do período, nessa obra não se vê a inocência presente na Moema de Meirelles, ainda mais quando se observa o ventre da mestiça, que mostra as dobras da carne que remetem ao realismo explícito, “*Marabá* do pintor brasileiro é quase “uma adolescente embrutecida num bordel”. Amoedo subverte a imagem da heroína da literatura trazendo à tona, uma vez mais, o violento mundo masculino do branco civilizado europeu.” (SCRICH, EDUARDO, 2009, p. 387), contudo ao analisar o quadril de *Marabá* nota-se que ele é grande de mais, parece não pertencer ao mesmo corpo.

Por último falaremos da *Iracema* de José Maria de Medeiros, datada de 1884, inspirado no romance de José de Alencar escrito duas décadas antes de a tela ser pintada, conta a história da índia Iracema que se apaixona por Martin, homem branco, os dois fogem juntos para viver em outra aldeia, porém Martin parte para guerra e deixa Iracema grávida e sozinha, ela resiste com vida somente até a chegada de Martin a quem ela entrega o filho nos braços. (GONZAGA, 2004)

CONCLUSÃO

Após esse estudo sobre o nu presente nas obras indianistas brasileiras, é possível concluir que o indianismo não foi apenas um estilo de arte. Com a literatura o indianismo cria um símbolo nacional para o país, no qual apresenta o índio como o bom selvagem, defensor da pátria. O nu não era pintado para que fosse visto como erótico, mas como um retrato das indígenas que ocuparam em outros tempos o Brasil.

O nu feminino retratado nas pinturas indianistas tentava unir de forma harmônica a beleza da natureza brasileira e a forma humana, mas de maneira romântica e sedutora, não ligada a sexualidade.

Ao analisar a Moema de Vitor Meirelles e a Bacante do mesmo pintor, percebe-se que a índia é apresentada de forma inocente enquanto que a Bacante mostra-se de forma sedutora, provavelmente porque o nu para o povo indígena fosse um estado natural, diferente da Bacante que foi inspirada na mitologia grega, sempre ligada aos prazeres da vida. A mesma análise pode ser feita com a tela da Moema e a Carioca, ambas do pintor Pedro Américo, porém a Carioca representa a mulher brasileira de forma geral. Deve-se considerar também que o símbolo do índio foi idealizado pelos europeus, que ficaram encantados com a beleza aqui encontrada, comparando a nova terra com o paraíso perdido, fazendo das índias tão puras quanto Eva enquanto vivia no Éden. (PADILHA, Solange. 2002-2003)

Rodolfo Amoedo apresenta a pintura Marabá que mostra a mestiça de forma mais sensual do que as índias “puras”, talvez porque a miscigenação das raças teria tirado a inocência dos índios.

As pinturas de José Maria de Medeiros, Lindóia e Iracema, mostram exatamente a harmonia da forma humana com a natureza, que foi o que caracterizou o indianismo na pintura brasileira.

4. REFERÊNCIAS

GONZAGA, Sergius. **Curso de Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 1ª edição, 2004.

JORGE, Marcelo Gonczarowska. **As pinturas indianistas de Rodolfo Amoedo**. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 2, abr. 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/ra_indianismo.htm no dia 01/07/2014.

SCRICH, Eduardo. O último tamoio, de Rodolfo Amoêdo. In: **V ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP**, Campinas, 2009. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2009/SCRICH,%20Eduardo%20-%20VEHA.pdf> no dia 01/07/2014.

SILVA, Raul Mendes. **A CARIOCA, de Pedro Américo O nu feminino que foi barrado na Corte e seus congêneres europeus**. Disponível em <http://www.raulmendesilva.pro.br/carioca.shtml> no dia 01/07/2014.

PADILHA, Solange. O Imaginário Da Nação Nas Alegorias E Indianismo Romântico No Brasil Do Século XIX, In: **II CONGRESSO INTERNACIONAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO**. Argentina.

MARTINS, Eugenia Tavares. **Iracema Alegoria da Mãe Genti(o)l**. 2007. Dissertação de Pós-Graduação Em Estudos da Linguagem. Universidade Rio Grande do Norte.